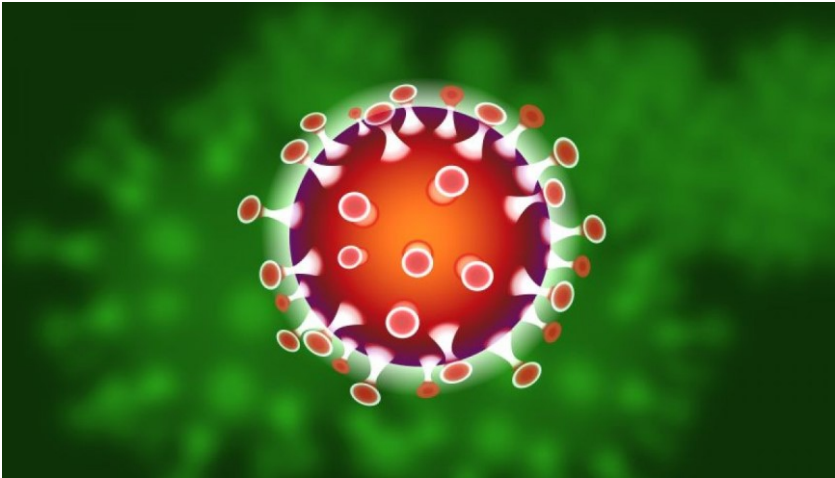


[...] em tempos de pandemia – e sabendo nós, pela boca de Jesus, que ela não se está a propagar para castigar os pecados de ninguém – faz-nos muito mais sentido aquele pronome grego (ἡμᾶς) que tão eloquentemente muda, no papiro mais antigo, o sentido da frase.

O trabalho de Deus está (também) nas nossas mãos. ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με (hēmās dei ergázesthai tá érga tou pémpsantós me). «Cumpre-NOS realizar as obras de Quem me enviou».



Jesus e a teologia da doença

Osurto de epidemias e pandemias proporciona sempre um pretexto para os fundamentalistas religiosos explicarem o que está a acontecer como castigo de Deus (li hoje de manhã um texto repugnante com esse teor sobre o coronavírus). «Pecados» vários da humanidade – ou de alguns sectores dela, normalmente minorias marginalizadas – seriam supostamente a «causa» da ira de Deus, que se manifesta sob muitas formas (como a Bíblia conta), desde dilúvios a guerras (a guerra é, na Bíblia, o método preferido de Deus para castigar o Seu povo: assírios e babilónios são instrumentalizados por Deus para castigar o povo judeu pelos seus pecados).

Ao contrário, porém, do que poderá parecer (se atendermos ao que dizem os fanáticos), não há assim tantas passagens na Bíblia que nos digam explicitamente que a doença é castigo de Deus. São basicamente duas:

1. «O Senhor atingir-te-á com tísica, febre, inflamação, delírio, secura, ardência e palidez, que te perseguirão até morreres» (Deuterónimo 28:22)
2. «O Senhor feriu o menino que a mulher de Urias havia dado a David com uma doença grave» (2 Samuel 12:15).

Uma passagem muito curiosa é Isaías 3:17, onde vemos uma gradação no entendimento deste problema nas três versões do Antigo Testamento. Na versão grega da Septuaginta, lemos «O Senhor rebaixará as filhas nobres de Sião». Na Vulgata, lemos «o Senhor tornará calva a cabeça das filhas de Sião». Mas no texto hebraico, o que se lê é que «o Senhor ferirá com sarna a cabeça das filhas de Sião».

Claramente, a versão grega procura apagar aqui a ideia da doença como castigo – embora sem apagar a própria noção de castigo. Diz somente que o Senhor «rebaixará» as pecadoras; mas não diz que o método de rebaixamento é a doença (alopécia, na Vulgata; ou sarna, na Bíblia

Hebraica).

A passagem do livro de Samuel acima citada («O Senhor feriu o menino que a mulher de Urias havia dado a David com uma doença grave») é, para mim, das mais desagradáveis de toda a Bíblia (livro onde não há falta, como sabemos, de frases desagradáveis). Mas uma das vantagens de, no mundo cristão, o Antigo Testamento estar encadernado juntamente com o Novo é a realidade saborosa de muitas passagens do Novo Testamento contradizerem flagrantemente o Antigo. No início do Capítulo 9 do Evangelho de João, os discípulos de Jesus (formatados pelo judaísmo em que tinham sido educados) perguntam ao Mestre, a propósito de um homem cego desde a nascença, se a razão da cegueira era o pecado dos pais ou o pecado do próprio cego (bom, atendendo a que o homem nascera cego, os discípulos ainda acharam que ele teria pecado logo à nascença! – ou ainda no ventre da mãe, quem sabe [mas seria anacrónico pensar em pecado original, visto que a

teologia cristã ainda não o tinha inventado quando João escreveu o seu evangelho]).

Jesus dá uma resposta lapidar, que é um autêntico sismo teológico: «nem este homem pecou nem os pais dele» (João 9:3).

A continuação da frase de Jesus comporta depois alguns meandros de pensamento, que desaguam na frase famosa «enquanto eu estiver no mundo, eu sou a luz do mundo» (João 9:5).

Mas antes disso, houvera ocasião para uma frase que lemos diferentemente nas diferentes Bíblias; uma frase altamente expressiva e que tem tudo a ver com o momento que atravessamos.



A maioria dos manuscritos do Evangelho de João põe na boca de Jesus a frase «cumpre-ME realizar as obras de Quem me enviou». É assim que lemos na Vulgata: «me oportet operari opera eius qui misit me».

No entanto, no texto grego do Evangelho de João tal como o lemos no papiro mais antigo (e tal como ele se encontra corrigido no Codex Sinaiticus, a mais antiga Bíblia completa que nos chegou) – Jesus diz «cumpre-NOS realizar as obras de Quem me enviou».

Fica a dúvida: Jesus terá dito «cumpre-nos realizar as obras de Quem me enviou»? Ou «cumpre-me realizar as obras de Quem me

enviou?»

A Bíblia favorita dos fundamentalistas protestantes (a King James Bible) afina pelo diapásão da Vulgata católica: «cumpre-me realizar as obras de Quem me enviou». A responsabilidade de fazer o trabalho de Deus está nas mãos de Jesus.

Mas em tempos de pandemia – e sabendo nós, pela boca de Jesus, que ela não se está a propagar para castigar os pecados de ninguém – faz-nos muito mais sentido aquele pronome grego (ἡμᾶς) que tão eloquentemente muda, no papiro mais antigo, o sentido da frase.

O trabalho de Deus está (também) nas nossas mãos. ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με (hēmās dei ergázesthai tá érga tou pémpsantós me). «Cumpre-NOS realizar as obras de Quem me enviou».

(imagem: Jesus curando o cego, por El Greco).

FREDERICO LOURENÇO.

Escritor, tradutor e professor universitário português. Especialista de línguas e literaturas clássicas, em particular de grego clássico.



É, realmente, o nosso próximo quem está a morrer? Ou já não sabemos nós, cristãos, o que nos é necessário à vida e o que, apenas, constitui algo de supérfluo?

O comentário é de ENZO BIANCHI, monge italiano e fundador da Comunidade de Bose, em artigo publicado por *La Repubblica*, 16-03-2020.

Nos últimos dias, somos testemunhas da epidemia de coronavírus, mas também somos assolados pela epidemia do medo. E nesta condição difícil e sombria, a Igreja, também, nos surge sobrecarregada. Não pretendo criar nenhuma polémica, nem sou dono de nenhuma certeza, mas antes de muitas perguntas. Tive ocasião de escrever, logo no início desta emergência: estamos certos de que a Igreja, ao adotar medidas contra um possível contágio que acabam por levar à supressão de liturgias, orações e funerais participados pela comunidade, se está a revelar solidária com quem sofre, com quem tem medo e busca consolo? É lamentável verificar como a Igreja

não é capaz de uma palavra humilde, sem pretensões, mas clara. São-nos enviadas disposições eclesiais sobre a emergência, equivalentes à disciplina imposta pela autoridade política, nas quais não se vislumbra a presença de preocupações pastorais e cristãs ditadas pelo Evangelho: **compaixão, urgência no cuidado e na proximidade** com os doentes e as pessoas em condições de fragilidade, uma **mensagem de esperança** para quem é vítima desta praga. Limitamo-nos a pedir que se suspendam as celebrações, a oferecer uma Eucaristia celebrada em privado, a interromper a celebração de funerais. Mas a

liturgia virtual significa a morte da liturgia cristã, que é sempre um encontro de corpos e de realidades materiais.

Por isso, me surgiu, espontânea, a seguinte pergunta: é, realmente, o nosso próximo quem está a morrer?

Ou já não sabemos nós, cristãos, o que nos é necessário à vida e o que, apenas, constitui algo de supérfluo?

Por fim, o **Papa Francisco** disse algumas palavras que parecem ter despertado as consciências:

devemos manter as igrejas abertas, acompanhar os doentes, visitá-los, fazer resplandecer a esperança da vida onde a morte faz as suas incursões, a Igreja deve assumir a postura de Igreja em oração. E, certamente, não podemos consolar-nos observando que as preocupações da sociedade são outras: os eventos desportivos, os aperitivos, a vida noturna ... Um cristão teria objeções a fazer, face às várias atitudes que se observam nesta emergência, especialmente no que diz respeito à liturgia eucarística, que deve ser, sempre, uma ação de toda a comunidade, sem substitutos que desmintam a

realidade humana do corpo de Cristo, que é a comunidade, e a realidade sacramental do corpo de Cristo no pão e no vinho.

É verdade que se pode orar em casa, em segredo - como Jesus também pede -, mas, não é possível que os cristãos vivam sem a **Eucaristia dominical**. Aqueles que adoecem e se aproximam da morte, precisam dos sacramentos, do consolo cristão, de viver a esperança da ressurreição em companhia de seus irmãos e irmãs, sem se sentirem abandonados. Se a Igreja não sabe como estar presente no nascimento e na morte das pessoas, como poderá estar presente na **vida** delas? Pastores sem ovelhas e ovelhas sem pastores? Pastores assalariados, menos dispostos a cuidar dos fiéis e de suas necessidades espirituais do que os **médicos e enfermeiros** a tratar do corpo? Felizmente, conheço padres que **não abandonam as ovelhas doentes**, pelo contrário, vão procurá-las e cuidam delas, para que possam viver em plenitude.

"**PANDEMIA**" é um termo que indica, desde logo, uma sua dimensão global, que diz respeito a todos. O vírus, colocada a questão de forma simples, é uma estrutura que não possui capacidade metabólica autónoma. Sendo inerte fora do ambiente intracelular, recorre às capacidades metabólicas do hospedeiro para a finalidade da sua reprodução. Assim, o vírus desenvolve-se e propaga-se em função da capacidade de interação dos animais infetados (entre eles, o ser humano), daí que a quarentena se apresenta como o mais antigo e mais seguro meio de combate a um surto viral.



Hans Küng,

noventa e um anos a caminho:
liberdade conquistada

Não quero deixar passar os noventa e um anos do meu mestre, amigo e colega HANS KÜNG, sem lhe expressar os meus parabéns e o meu reconhecimento pela “liberdade conquistada” durante a sua longa e fecunda existência. E faço-o, oferecendo algumas imagens da sua vida que refletem a sua coerência, honestidade e integridade. Hans Küng tinha trinta e quatro anos quando foi nomeado, por João XXIII, perito do Concílio Vaticano II, juntamente com outros prestigiosos teólogos como Karl Rahner, Yves M. Congar, Bernhard Häring, Henri de Lubac, Gérald Philips, Joseph Ratzinger, etc.

Tudo mudou dezassete anos depois, com o papa João Paulo II, que lhe retirou a licença eclesiástica para ensinar, por ter questionado a infalibilidade papal. É o que nos conta o próprio Küng, referindo-se abertamente à Inquisição:



“Em 1979, experimentei pessoalmente a Inquisição sob o mandato doutro papa. A Igreja retirou-me a permissão de ensinar, mas, mesmo assim, mantive a minha cátedra e o meu Instituto (que ficou segregado da Faculdade Católica)”. (*La Iglesia católica*, Mondadori, Barcelona, 2002, 14).

O teólogo suíço considera tal condenação “juridicamente impugnável, teologicamente infundada e politicamente contraproducente”.

No entanto, a condenação não conseguiu destruir a sua reputação, nem dentro da Igreja católica, entre o povo crente e os colegas teólogos e teólogas, nem no mundo intelectual do pensamento crítico, e, menos ainda, no diálogo ecuménico entre as Igrejas cristãs, onde o reconhecimento teológico de Küng era muito elevado. Aconteceu tudo ao contrário: a condenação contribuiu para abrir o debate sobre a infalibilidade, gerou uma calorosa corrente de sintonia, expressa através de numerosas declarações de solidariedade ao teólogo sancionado, e de denúncia dos comportamentos inquisitoriais do Vaticano.

O que a condenação veio evidenciar nada mais foi do que o retrocesso ocorrido no Vaticano, do Pontificado de João XXIII ao de João Paulo II, em apenas quinze anos, que fez com que o Vaticano passasse do anátema ao diálogo, da reforma à restauração, da evolução à involução, do respeito pelo pluralismo teológico à uniformidade, do cristianismo à cristandade, da liberdade de investigação e expressão à repressão, do pensamento crítico ao pensamento cativo, da linguagem simbólica à linguagem dogmática.

Küng, contudo, não identifica o sistema romano com a Igreja católica, mas, pelo contrário, estabelece uma clara e lúcida distinção entre ambos: “Apesar das minhas experiências sobre quão flexível pode resultar o sistema romano, a Igreja católica, essa irmandade de crenças,

continuou a ser o meu lar espiritual até agora” (*La Iglesia católica*, p. 13).

Francisco chama a Hans Küng Querido Irmão

A relação do Vaticano com Hans Küng mudou em 2016. O teólogo suíço publicou “*Um apelo ao Papa Francisco*” em vários jornais, de diferentes países, pedindo que se abrisse um debate “imparcial e livre de preconceitos” sobre o dogma da infalibilidade. Alguns dias depois, Francisco respondeu-lhe. O clima eclesial havia sofrido uma importante mutação: abandonava-se a linguagem do anátema e voltava-se a percorrer a senda do diálogo, que nunca deveria ter sido interrompido. A carta era assinada pelo próprio Papa, que se dirigia a Küng numa carta manuscrita em alemão com um *lieber Mitbruder* (querido irmão). Nela demonstrava ter lido, atentamente, o seu “*Apelo*” e valorizava, positivamente, as reflexões que o levaram à publicação do quinto volume das suas obras completas, precisamente o dedicado à infalibilidade.

Agradecimento a Ratzinger e sinceros desejos de felicidade

No prólogo do seu livro *La Iglesia*, Küng expressa um agradecimento cordial a Joseph Ratzinger pela valiosa ajuda prestada, quando colegas, na Faculdade de Teologia da Universidade de Tubinga. Com o passar dos anos, a colaboração transformou-se em distanciamento, sobretudo a partir do momento em que Ratzinger aceitou ao episcopado, se tornou homem de confiança de João Paulo II, e assumiu a presidência da Congregação para a Doutrina da Fé.

Houve uma fugaz tentativa de aproximação entre ambos por iniciativa de Hans Küng. Foi em Castelgandolfo, durante o verão de 2005, já com Joseph Ratzinger como papa, que este atendeu à petição do teólogo suíço. Mas, tudo não passou de um encontro pontual sem continuidade. No seu exercício do

ministério papal, Ratzinger foi recorrendo a posições integristas que Küng e os teólogos fiéis ao Concílio Vaticano II não podiam compartilhar.

O período do cardeal Ratzinger à frente da Congregação para a Doutrina da Fé foi um dos de maior rigidez doutrinal e moral, de mais dura perseguição às teólogas e aos teólogos do Concílio Vaticano II, da teologia da libertação, da teologia feminista, da teologia do pluralismo religioso e da teologia moral.

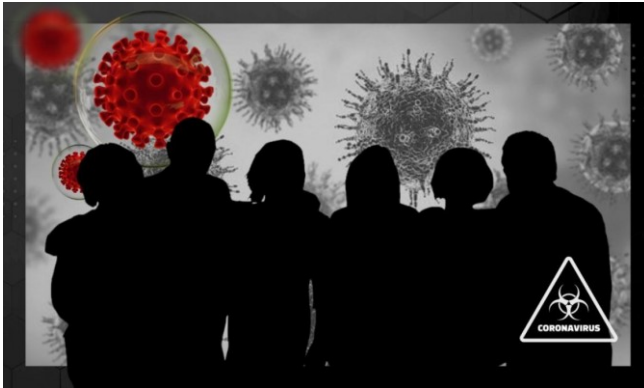
Na última das lições proferidas no semestre de inverno de 1995-1996, na Universidade de Tubinga, Hans Küng conta que um colega católico lhe perguntou, após as primeiras aulas, se não poderia ter feito muito bem, também, dentro do sistema romano, se tivesse escrito, por assim dizer, uma teologia primeiro para o papa e, a partir daí, também para a Igreja e o mundo. É uma pergunta que ele, também, se colocou a si mesmo, embora afirme que não cresceu como antagonista do sistema romano. Após mais de meio século de itinerário teológico criativo e inovador, a sua resposta foi a seguinte:

“Não podia ter ido por outro caminho, não só para honrar a liberdade, que sempre tive em grande apreço, mas também para honrar a verdade, que, para mim, está acima, inclusive, da liberdade. Se tivesse seguido esse outro caminho - assim o vejo agora, e assim o vi então -, teria vendido a minha alma pelo poder da Igreja. Gostaria neste momento de confiar (e digo isto sem o menor indício de ironia) em que o meu companheiro em idade e em grande parte do caminho, Joseph Ratzinger, que escolheu outro caminho e que também será nomeado professor emérito este ano, ao olhar para trás e, apesar do que sofreu, possa estar tão contente e feliz como eu”.

Que elegância! Poderá Ratzinger dizer o mesmo, ele que é hoje papa emérito?

JUAN JOSÉ TAMAYO, em artigo publicado por *Religión Digital*, 24-03-2019.

https://www.religiondigital.org/opinion/Hans-camino-Libertad-conquistada-kung-tamayo-benedicto-wojtyla-francisco-teologia_0_2106389342.html



dia cinzento

guia-nos, Deus,
na viagem através do deserto
até ao lugar da tua crucifixão
e da tua páscoa

guia-nos, Deus,
da via cinzenta dos nossos dias
à via gloriosa da tua cidade.

seja este o tempo favorável
para a confissão do pecado e do louvor,
nós que vivemos na fragilidade do corpo nómada
o imaginário do oásis
e os lugares de repouso

guia-nos, Deus,
para a inquietação que permanentemente te nomeia,
Deus em Jesus Cristo e no Espírito consolador

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, op

In *O Nome e a Forma*, ed. Pedra Angular / Fotografia: Corbis